



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE

AS CONTRIBUIÇÕES DO LÚDICO NA APRENDIZAGEM DE
CRIANÇAS DO PRIMEIRO ANO DAS SÉRIES INICIAIS

MARIA EDELMICE CARNEIRO DE SOUSA ROCHA

Brasília-DF

2013

MARIA EDELMICE CARNEIRO DE SOUSA ROCHA

**AS CONTRIBUIÇÕES DO LÚDICO NA APRENDIZAGEM DE
CRIANÇAS DO PRIMEIRO ANO DAS SÉRIES INICIAIS**

Brasília

2013

Maria Edelmice Carneiro de Sousa Rocha

**AS CONTRIBUIÇÕES DO LÚDICO NA APRENDIZAGEM DE
CRIANÇAS DO PRIMEIRO ANO DAS SÉRIES INICIAIS**

Trabalho final de curso apresentado
como requisito parcial para a obtenção
do título de licenciada em pedagogia à
comissão examinadora da Faculdade de
Educação da Universidade de Brasília,
sob a orientação da professora Dr^a Sônia
Marise Salles Carvalho.

Brasília

2013

Monografia de autoria de Maria Edelmice Carneiro de Sousa Rocha, intitulada “*As Contribuições do Lúdico na Aprendizagem de Crianças do primeiro ano das séries iniciais*”, apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia da Universidade Brasília, em 11/12/2013 à banca examinadora abaixo assinalada:

Professora Dra. Sônia Marise Salles Carvalho – Orientadora
Faculdade de Educação, Universidade Brasília

Professor Dra. Fátima Lucília Vidal Rodrigues – Examinadora
Faculdade de Educação, Universidade Brasília

Professor Dra. Inês Maria Marques Zanforlin Pires de Almeida – Examinadora
Faculdade de Educação, Universidade de Brasília

Dedico o meu trabalho de pesquisa a Deus que tem conduzido e me ajudado constantemente proporcionando saúde, e disposição para que não desista dos meus ideais.

AGRADECIMENTOS

Inicialmente agradeço ao Senhor Jesus que tem sido meu verdadeiro Guia e que tem colocado sonhos no meu coração, dando-me a convicção de que sou capaz de realizar.

Agradeço ao meu esposo Pedro Henrique Pessanha Rocha pelo apoio e paciência que demonstrou nos momentos em que precisei estar sozinha e ausente.

À família que, apesar de distante, torcia pelo meu sucesso.

E, finalmente, agradeço à minha Mestra e Orientadora Sônia Marise por ter entendido a minha necessidade, nos momentos em que estava tão confusa e aflita e, confesso, até perdida e ter me acompanhado com tanta competência e paciência. A você professora Sônia, toda a minha admiração e apreço, você será sempre lembrada, como personagem principal desta minha conquista.

A todos o meu muito Obrigada!

*“Brincar com as crianças não é perder tempo, é ganhá-lo.
Se é triste ver meninos sem escola, mais triste ainda
é vê-los sentados enfileirados em salas sem ar, com exercícios estéreis,
sem valor para a formação do homem.”*

Carlos Drummond de Andrade

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo compreender a importância do lúdico na sala de aula, tendo como ponto de partida a observação e realização de oficinas com jogos lúdicos, numa turma de alfabetização no primeiro ano das séries iniciais, sendo que o grupo era composto por vinte e três crianças, com idades variando entre seis e sete anos de idade, o intuito da pesquisa era de compreender, qual a contribuição deste instrumento para o aprendizado das crianças. Ao longo do trabalho, trouxe uma discussão sobre o tema, na visão de alguns autores como Piaget, Vygotsky, Miranda, e Santos e outros, que a partir de seus estudos e contribuições, vieram fortalecer e fundamentar o entendimento da importância do lúdico para o desenvolvimento da aprendizagem da criança. A partir das práticas das oficinas pedagógicas realizadas, analisou-se que o lúdico, favorece o aprendizado dos alunos, houve um maior entendimento por parte dos alunos, na questão da identificação da sílaba como unidade fonológica, observou-se que desenvolveram a consciência fonológica, além de compreenderem que, para escrever é preciso refletir sobre os sons e não apenas sobre o significado das palavras. Houve grande interesse pelos jogos por parte de todos. E no desenrolar das oficinas, observou-se que as crianças puderam construir o seu aprendizado, a partir de erros, acertos e através de várias tentativas, foram elaborando e reelaborando as soluções para os conflitos os quais iam surgindo ao longo das jogadas. Construindo e sistematizando o aprendizado dos conceitos e objetivos de cada jogo.

Palavras-chave: Lúdico, Aprendizagem, Prática pedagógica.

ABSTRACT

This study aims to understand the importance of playfulness in the classroom, taking as its starting point the observation and workshops with fun games, a literacy class in the first year of the initial series, and the group was composed of twenty and three children, aged between six and seven years old, the aim of the research was to understand the contribution of this tool for children's learning. Throughout the work, brought a discussion on the subject, in the view of some authors such as Piaget, Vygotsky, Miranda, and Santos and others, that from his studies and contributions came strengthen and support the understanding of the importance of playfulness to development of the child's learning. From the practical pedagogical workshops, analyzed the playful, promotes student learning, there has been a greater understanding by students, the issue of identification of the syllable as a phonological unit, it was observed that developed phonological awareness, plus understand that to write is to reflect on the sounds and not just about the meaning of words. There was great interest in the game by all. And in the course of the workshops, it was observed that the children could build their learning from mistakes and successes through various attempts have been developing and elaborating solutions to conflicts which were emerging throughout the games. Building and systematizing the learning of concepts and objectives of each game.

Keywords: Playful, Learning, Teaching practice.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	13
PARTE I – MEMORIAL	
1. Nascimento e Infância.....	15
2. Ingresso no Ensino Fundamental.....	17
3. Magistério: A Escola da Minha Vida.....	17
4. Nova Profissional e a Universidade de Brasília.....	18
PARTE II – MONOGRAFIA REFLEXÃO SOBRE AS CONTRIBUIÇÕES DO LÚDICO NA APRENDIZAGEM DAS CRIANÇAS	22
INTRODUÇÃO	23
CAPÍTULO I: O BRINCAR, O JOGO E O LÚDICO.....	24
1.1 A relação entre o Brincar, o Jogo e o Lúdico.....	24
1.2 A Criança e a Infância.....	28
1.3 A Educação das Crianças ao longo dos tempos.....	29
1.4 As contribuições do Lúdico na Aprendizagem das Crianças.....	33
CAPÍTULO II: RELATO DA EXPERIÊNCIA COM O LÚDICO NO PRIMEIRO ANO DAS SÉRIES INICIAIS.....	39
2.1 Universo da pesquisa.....	39
2.2 Proposta Pedagógica da Escola.....	41
CAPÍTULO III: DESCRIÇÃO E APLICAÇÃO DO LÚDICO NA SALA DE AULA DO PRIMEIRO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL INICIAL.....	46
3.1 Descrição dos jogos.....	47
3.2 Aplicação dos Jogos.....	50
3.3 Considerações sobre as oficinas de jogos.....	51
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	55
REFERÊNCIAS	56
APÊNDICES	58

ANEXOS	61
---------------------	-----------

PARTE III – PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

Propostas para minha vida profissional	64
--	----

LISTA DE QUADROS, DIAGRAMAS E GRÁFICOS.

Figura 1 – Relação entre lúdico, jogo, brinquedo e brincadeira.....	26
Quadro 1 – Projetos desenvolvidos pela escola pesquisada.....	44

LISTA DE APÊNDICE E ANEXOS

Apêndice 1 – CARTA DE APRESENTAÇÃO À ESCOLA.....	58
Anexo 1: MOMENTOS DE APLICAÇÃO DAS OFICINAS NA ESCOLA	61

APRESENTAÇÃO

Este trabalho tem o intuito de demonstrar a contribuição do lúdico para o ensino-aprendizagem das crianças que se encontram no primeiro ano das séries iniciais. O foco do trabalho era o de, buscar compreender e refletir sobre o lúdico como ferramenta importante e fundamental para tornar o ensino motivador e prazeroso.

O trabalho foi dividido em três partes, sendo que na primeira parte trago um relato em formato de um memorial, neste, busquei retomar as experiências marcantes na minha trajetória, que contribuíram para minha formação como pessoa, também para minha vida acadêmica e profissional. Sendo que, essas lembranças e vivências culminaram na escolha deste tema, o qual será aprofundado neste trabalho.

Na segunda parte, trouxe uma reflexão teórica com o objetivo de embasar a pesquisa, e na intenção de facilitar a compreensão do leitor, num melhor entendimento do tema.

O capítulo I, vem tratar acerca da relação entre a brincadeira, o brincar, o jogo e o lúdico, assim como explicar sobre as contribuições do lúdico para desenvolvimento das aprendizagens. Em seguida, trago o relato das oficinas com jogos pedagógicos que foram planejados e aplicados na turma do primeiro ano, e de que forma os jogos contribuíram na aprendizagem dos alunos.

Na terceira e última parte, finalizo com minhas perspectivas profissionais após a conclusão da minha graduação no curso de pedagogia na Universidade de Brasília. E sobre os meus projetos para o futuro, sempre dentro desta área, que me completa e me deixa feliz a cada novo desafio.

PARTE I
MEMORIAL

1. Nascimento e Infância

Não é nada fácil retomar as lembranças a respeito do meu passado, principalmente relacionado à minha trajetória acadêmica, não é fácil apontar um começo de tudo, mas vou procurar aos poucos lembrar-me de acontecimentos relevantes que foram decisivos para minha formação.

Nasci numa família considerada numerosa para a sociedade dos dias atuais composta por nove irmãos, sendo sete mulheres e três homens, meus pais vieram de uma pequena cidade do interior do Ceará denominada Lavras da Mangabeira e como muitos sertanejos, vieram em busca de uma vida melhor na nova capital do país. Minha mãe sempre como dona de casa, às vezes passava roupas para algumas vizinhas conhecidas e com isto ficávamos aos cuidados de minha irmã de quinze anos.

Morávamos em Sobradinho em um bairro constituído somente de trabalhadores da empresa da qual meu pai trabalhava, denominada Só Frango, onde cada funcionário recebia moradia, alimentação, assistência médica e odontológica, e transporte escolar. Recordo-me principalmente da área de lazer que havia lá, era uma praça toda coberta de grama, onde brincávamos boa parte do dia com meus irmãos, adorava rolar nesta sem parar, ruim era quando o corpo ficava todo coçando, mesmo assim, no outro dia, estávamos lá novamente. Marcante também era a emoção sentida ao descer pelo escorregador, e brincar em um brinquedo chamado labirinto.

Sempre fui uma criança tranquila tímida, às vezes até em casa eu passava despercebida, porque permanecia calada todo o tempo e só me pronunciava quando minha mãe ou irmãos me interrogava. Acho que tinha medo de falar e ser repreendida, pelo fato de minha mãe cuidar de todos os meus irmãos, ela vivia nervosa, e gritava com frequência tentando manter a ordem da casa.

Os momentos que gostava de me “soltar” e falar era nos momentos das brincadeiras que interagia com meus irmãos e as demais crianças, e desenvolvia-me com liberdade, sabia que ali poderia dizer “bobagens”, errar, que tudo fazia parte das brincadeiras.

De todas as brincadeiras a que mais gostava era de escolinha, através da qual, convidava as crianças da vizinhança para brincar, improvisava com madeirite encostado na parede e recolhia na escola sempre aos finais das aulas, restos de giz para levar para casa quando não pedia à professora que me desse giz novos. Nesta brincadeira de

escolinha, eu interpretava o papel perfeitamente, esquecia até que era tímida, sentia-me muito a vontade.

Percebi que já nesta época, sonhava em lecionar, assumia o papel de docente e tratava as crianças da mesma forma que minha professora comportava-se com a turma. No momento em que fui escolher o magistério como profissão no ano de 1998, recordei-me destes fatos, e foram decisivos para minha escolha.

Minha mãe enxergava na educação uma maneira de mudar a vida das pessoas, apesar de ter cursado apenas o ensino primário (alfabetização). Ela levantava-se cedo, acordava todos pela manhã para nos dirigirem à escola.

Aos seis anos fui matriculada no Jardim de Infância que se chamava Escola Classe Onze, situada mesma cidade, recordo-me do vazio deixado pela minha mãe no primeiro dia de aula no instante em que me deixou na escola, e a expectativa pelo fim das atividades para que me buscasse logo.

Na escola infantil, tudo era lindo, as salas bem decoradas e coloridas com números, alfabetos havia muitos jogos de montar como, blocos lógicos, palitos de madeira, ábacos, materiais concretos utilizados durante as atividades. Foi nesta etapa que aprendi a reproduzir o meu nome, conheci as vogais e algumas consoantes. Lembro-me que a cada nova atividade, onde a professora nos apresentava a brincadeira era o carro chefe para que despertasse nas crianças o interesse pelo novo conteúdo.

Da minha fase de alfabetização, recordo-me das atividades voltadas para coordenação motora, da produção de crachás para consulta do nome e da cartilha adotada pela escola para alfabetização das crianças.

Todo meu ensino fundamental inicial, em uma única escola pública de Sobradinho, não era perto da minha casa, tínhamos que percorrer mais de quarenta minutos caminhando para chegar até a escola. Mas apesar da distância, eu amava estar na escola. Cada novo aprendizado eu me sentia mais inteligente.

Não me lembro da maioria dos professores desta fase, somente da professora da quarta série, que apesar de exigente, era uma ótima profissional, ela gostava de ensinar os conteúdos de forma palpável, concreta, como frações, utilizando massinha de modelar, nos ensinou a preencher cheque, a entender como se lia uma conta de água e luz, a entender qual a função do documento de identidade, já nesta fase sua preocupação era nos alfabetizar letrando, ou seja, trazendo os conhecimentos da vida social para a sala de aula, tornando assim nossa aprendizagem mais interessante e significativa.

2. Ingresso no ensino Fundamental

Nesta fase continuei a estudar na mesma escola, foi uma transição tranquila, pois os alunos eram todos colegas. Nesta escola, estudávamos em período integral, pela manhã havia educação física, capoeira, panificação, curso de corte e costura, músicas, dentre outros, e no período vespertino, aula com as disciplinas do currículo.

Tive o prazer de conviver com mestres excelentes que foram fundamentais para a minha formação, não só intelectual como também para a minha vida pessoal como cidadã consciente do meu papel social.

Sempre fui uma aluna exemplar, sempre atenciosa em sala com os colegas e docentes e procurava cumprir com minhas obrigações atendendo as exigências da minha mãe, acho que por isso nunca precisei repetir nenhuma série.

3. Magistério: A escola da minha vida

Terminei o ensino fundamental na mesma escola e dentro de mim permanecia a vontade de tornar-me educadora. Ao final do ensino fundamental tive a oportunidade de fazer uma prova de seleção para o interessado em fazer curso normal, antigo magistério. Esta seleção acontecia pelo fato de haver apenas uma escola em sobradinho que ofertava o magistério, e a cada ano eram disponibilizadas cento e vinte vagas.

Ao participar da seleção, para minha surpresa, fui aprovada com louvor. Considero que foi neste nível de ensino que me constituí uma cidadã aprendi a pensar de modo crítico e ver a realidade com outros olhares, as minhas vivências neste segmento foram fundamentais para toda minha vida.

Afirmo que foi no magistério que me constitui a profissional que sou hoje. Pelo fato de que os conhecimentos que aprendi ali buscavam formar o professor para o dia a dia da escola, suas realidades, e demandas cotidianas, aprendíamos, desde, elaborar uma avaliação coerente, a nos portar diante dos alunos, como elaborar atividades para as crianças contemplando os objetivos pretendidos, como produzir um bom cartaz, dentre outros. No curso de pedagogia atual, eu senti falta, justamente destes aspectos da formação docente.

Não posso deixar de mencionar aqui as contribuições do meu professor de Filosofia, e também professor desta universidade muito exigente, o terror de todos os

estudantes, pois nos obrigava a pensar, a criticar, trazia temas atuais para discutirmos em sala, e não se satisfazia com respostas de senso comum. Foi este cidadão que me auxiliou a vencer boa parte da minha timidez.

Nos primeiros e segundos anos do magistério, estudávamos as matérias comuns do ensino médio e algumas que davam noção do que era a docência.

No terceiro e último ano eram as matérias relacionadas à docência, ou seja, as didáticas da linguagem, da matemática, da ciência, da geografia e a prática no estágio com um período de observação e outro de atuação.

No estágio tive a absoluta certeza que amava lecionar, contava os dias da semana para estar nas escolas. Gostava de levar brincadeiras educativas e participar juntamente com as crianças, elas brincavam com entusiasmo e alegria.

Concluí o magistério no ano 2000, a emoção maior foi o dia da colação de grau, o dia do adeus aos amigos de três longos anos com dedicação exclusiva, pois permanecíamos na escola os dois períodos. Éramos uma família.

Foi um dia marcado por muito choro, saudades e alegrias, isto jamais vou esquecer.

4. A Universidade de Brasília

Em 2001 começa então, minha peregrinação em busca de uma escola que me desse oportunidade para pôr em prática os conhecimentos e experiências adquiridas no meu curso de magistério.

Após várias andanças a fim de entregar currículos, e depois de muitas negativas, finalmente em um dado momento, uma escola convidou-me para a minha primeira entrevista para o cargo de professora primária, foi um momento crucial e inesquecível da minha vida, hoje vejo o quanto “crua” e inexperiente eu era. Mesmo assim, a diretora afirmou que precisava de profissionais com o meu perfil, sem experiências para que pudesse moldar ao seu modo de trabalho.

Comecei a trabalhar nesta pequena escola perto de casa, na educação infantil, digo pequena, pelo fato de ter no total, quarenta e oito alunos matriculados. Minha carga horária era a seguinte, no matutino, lecionava no jardim I, crianças que tinham por volta dos quatro anos de idade, e no vespertino ajudava na secretaria da escola e às vezes na creche.

Tinha pouca experiência, mas muita vontade de ensinar, recorria a outras colegas sempre que tinha dúvidas acerca dos planejamentos, e a coordenadora, dona da escola nos dava o suporte necessário.

Em todo o tempo de atuação, minha estratégia tinha como carro chefe as brincadeiras, para cada letra ou conteúdo que ia ensinar, apresentava uma música, uma história, ou uma brincadeira, pois sabia que as crianças se interessavam e aprendiam com muita desenvoltura.

Porém, por não concordar pelo modo como a escola era administrada, e pela baixa remuneração recebida, optei por pedir demissão no final do ano letivo e preferi buscar uma oportunidade no comércio, pois recebia uma remuneração maior e não havia tanta cobrança de pais e nem da gestão daquela escola.

O tempo passava e havia um desejo constante em fazer um curso superior na área da educação, pois o que se ouvia dizer nesta época que a qualquer momento o professor que possuísse apenas o magistério, cedo ou tarde perderia o direito legal de lecionar, a não ser que concluísse o curso superior em pedagogia.

Neste instante seguia trabalhando no comércio, nas funções de atendente, caixa e subgerente. Porém o salário ainda não me permitia pagar uma faculdade privada, e quanto à Universidade de Brasília, foram algumas tentativas, sem êxito.

Logo em 2006 surge o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), ofertando bolsas em faculdades privadas, era minha chance de cursar o ensino superior dos meus sonhos. Eu tinha que escolher três opções de curso para concorrer, escolhi duas opções para o curso de pedagogia em instituições distintas e uma para Secretariado Executivo em outra, para minha tristeza, consegui uma bolsa parcial (50%) para Secretariado Executivo, já que minha opção pela pedagogia não havia sido contemplada .

Mesmo fazendo o que não tinha vontade, resolvi começar, continuaria tentando a matrícula no curso de pedagogia. Quando estava no segundo semestre de Secretariado, descobri que poderia optar pela Pedagogia e continuar na mesma instituição. Sem pensar, finalmente realizei o meu grande sonho.

Neste meio tempo, prestei concurso público da Secretaria de Educação do DF, no ano de 2008, fui aprovada dentro do número de vagas, era tudo o que sempre sonhei ser funcionária pública e na área que amo trabalhar, porém, o componente curricular do certame, exigia curso superior em pedagogia, o que naquele momento ainda não tinha. Para minha surpresa, 2009 fui convocada neste concurso, porém sem diploma, e na tentativa de assumir somente com o curso de magistério, entrei com um mandato de

segurança, porém a resposta que obtive foi negativa, não sendo possível assumir. Muito desanimada, continuei batalhando pela conclusão da minha graduação em pedagogia.

Logo veio outro concurso público, em 2010 participei e fui aprovada novamente. Na esperança de concluir mais rapidamente o curso, fiz a transferência facultativa para a Universidade de Brasília, foi algo maravilhoso e indescritível a sensação de fazer parte de uma instituição pública de renome como esta.

Minha surpresa maior foi quando descobri que demoraria em concluir o meu curso de pedagogia na Unb, pois só poderia cursar as disciplinas no noturno por causa do meu trabalho. Fiquei triste, porém tinha consciência que aqui eu viveria e teria muitas experiências significativas e aprendizados que levaria para toda vida.

Dentro da Universidade de Brasília, senti um grande impacto ao me deparar com tudo, por exemplo, as disciplinas eram muito abrangentes, diferente da faculdade privada, onde existe uma grade curricular fechada e a cada semestre cursado, você já sabe o que lhe espera.

Na Universidade a cada disciplina cursada, eu tinha a sensação de que não ia conseguir chegar ao fim, pelas exigências, pela quantidade de seminários, saídas de campos, produção de artigos e ensaio os quais eu desconhecia esses gêneros textuais até chegar aqui. Senti-me na maioria do tempo perdida, pois quando chegava o período da pré matrícula, não sabia quais disciplinas cursar, era difícil encaixá-las no meu tempo disponível.

No meu projeto 3 fases 1,2 e 3 optei por cursar temas filosóficos no cinema, com a professora Luciana Gomide, foi uma experiência muito rica e proveitosa, pois como sempre, procuro utilizar filmes em sala de aula com o intuito de enriquecer os temas trabalhados, despertando a curiosidade e o interesse dos alunos, aprendi a observar pontos relevantes ao selecionar um filme aos pequenos, a olhá-los de forma crítica com um objetivo, o que antes fazia pela lógica.

O tema sobre as contribuições do lúdico no ensino, sempre estive na minha mente e havia um desejo de me aprofundar nesta linha de pesquisa. Foi então que no meu projeto quatro procurei a professora Sônia por recomendação de colegas da Universidade, e ela prontamente afirmou que poderia fazer projeto quatro com ela, e que poderia ser minha orientadora no projeto 5 caso quisesse, não acreditei estar ouvindo aquilo, pois estava perdida e confusa e sem perspectivas de me formar. Eu já havia procurado por outros professores para fazer este projeto dentro deste tema e os horários não eram compatíveis, o que só me desesperava. Já se vão sete anos desde que

me matriculei no curso de pedagogia, entre faculdade privada e a UnB e com tantos contratempos que tive nesta caminhada, achava que não iria conseguir.

No projeto quatro organizei oficinas de brincadeiras com os alunos, porém a aplicação se deu em uma turma da educação infantil nesta mesma escola, o que já foi uma preparação para a conclusão deste trabalho.

No meu projeto cinco, como estou lecionando em uma turma do primeiro ano das séries iniciais e trabalhando a fase da alfabetização dos alunos, conversamos Sônia e eu e achamos por bem adequar os jogos da oficina para esta fase da alfabetização, pois nesta etapa, os jogos teria que ser o carro chefe para a concretização dos objetivos que é a leitura e escrita das palavras.

Não somente neste ano tenho utilizado o lúdico como ferramenta para o interesse e aprendizado das crianças, mais sim ao longo dos anos como docente, venho utilizando a ludicidade a fim de cativar e obter resultados positivos na minha prática pedagógica.

A aplicação dos jogos foi realizada na minha turma de primeiro ano, a receptividade dos alunos foi muito interessante, e o aprendizado foi significativo.

Durante minha trajetória sempre utilizei o lúdico com fins pedagógicos e motivacionais, pois tinha a convicção que este tem a função de motivar, despertar interesses, ensinar, promover a interação. Fatores que são fundamentais para um ensino eficaz.

Dentro desta perspectiva buscarei aprofundar um pouco mais a discussão a respeito das contribuições do lúdico para aprendizagem dos estudantes, com um ensino significativo que venha extrapolar o ensino tradicional que tem tido ferramenta principal o livro didático nas escolas.

PARTE II

REFLEXÃO SOBRE O LÚDICO NA APRENDIZAGEM DAS CRIANÇAS DO PRIMEIRO ANO DAS SÉRIES INICIAIS

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objeto de estudo as contribuições do lúdico na aprendizagem de crianças no primeiro Ano das séries Iniciais. O seu objetivo principal era de compreender, qual a sua contribuição para a aprendizagem dos alunos do primeiro ano das séries iniciais.

O que se observa no cotidiano da escola, é que a educação tem se dado de forma tradicionalista e conteudista, ou seja, foco na aprendizagem por memorização e cópias de conteúdos, sem nenhuma crítica ou reflexão sobre o assunto abordado, o que torna o ensino mecânico e desinteressante. Analisando este fato, esta pesquisa busca demonstrar que a partir da prática do lúdico o professor pode ensinar de forma prazerosa, ensinando não só conteúdos de ensino, mais também comportamentos éticos e morais imprescindíveis para uma vida social para as crianças que se encontram numa fase primordial de formação.

Para tanto, na primeira parte foi constituída do memorial educativo, onde relembrei fatos relevantes da minha trajetória, alguns tiveram relação direta com a educação e minha vida profissional, outros nem tanto. Mas creio que todo o relato favoreceu para minha formação como pessoa.

Na segunda parte, trago uma reflexão sobre a diferenciação entre o brincar, o jogo e o lúdico, e nos seguintes capítulos busquei trazer um quadro teórico a fim de fundamentar o tema em questão, com o intuito de facilitar o leitor no entendimento sobre o tema.

Em seguida, relato sobre a experiência prática com os jogos na turma do primeiro ano das séries iniciais, numa escola pública através de observação e prática, a fim de demonstrar quais os benefícios do lúdico para o aprendizado destes alunos.

Por fim, a pesquisa se encerra, com as Considerações Finais, nas quais são apresentados pontos conclusivos destacados, seguidos da estimulação a continuidades dos estudos e das reflexões sobre a importância do lúdico na aprendizagem de crianças do primeiro ano das séries iniciais: experiência na escola e concluo com minhas perspectivas profissionais enfatizando a importância da educação na minha vida e meu compromisso de permanecer nesta área que escolhi para minha vida, onde pretendo conduzir as crianças ao mundo do conhecimento de forma criativa, alegre e interessante.

CAPÍTULO I – O BRINCAR, O JOGO E O LÚDICO.

1.1 Relação entre o Brincar, o Jogo e o Lúdico.

Esse capítulo trata da reflexão acerca da relação entre a brincadeira, o brincar o jogo e o lúdico. Como também busca explicar sobre as contribuições do lúdico para o aprendizado das crianças no primeiro ano das séries iniciais, visando dar fundamentação e respaldo para a pesquisa em questão, pelo fato de que não é possível dissociar a teoria da prática.

Este trabalho tem o intuito de compreender quais as contribuições do lúdico, na aprendizagem de crianças do primeiro ano, as quais se encontram na fase de alfabetização. Porém antes disso, é fundamental que se entenda as diferenças que existem entre o termo lúdico, brincadeira, o brincar e o jogo, para que se possa então sair do senso comum e compreender qual a relevância dos conceitos que vamos abordar.

É bem verdade que o ser humano está permanentemente em constante aprendizado, seja este através do contato com o outro, ou mesmo, a partir da sua ação no meio em que ele vive. O mesmo nasceu com a capacidade de conhecer, descobrir e apropriar-se dos conhecimentos, sejam estes dos mais simples aos mais complexos. E é nesta busca que o homem se integra à sociedade, agindo e modificando o seu meio a partir de suas experiências.

Esta busca, contudo podemos denominar de educação, pelo fato de que ela acontece a partir da interação do indivíduo, da troca de conhecimentos e da apropriação dos saberes. Fazendo referência à Vygotsky, Rego afirma que o “desenvolvimento das funções intelectuais da criança é mediado socialmente pelos signos e pelo outro” (REGO, 1995, p. 62).

E neste contexto, destacamos que o lúdico é a maneira mais eficaz de envolver a criança na prática de atividades voltadas para um objetivo pedagógico. Pois já percebe que a brincadeira é inerente à criança, ou seja, é sua forma de trabalhar, conhecer, interpretar e explorar a sua realidade. Sobre tal afirmação Antunes destaca que,

Toda criança vive agitada e em intenso processo de desenvolvimento corporal e mental. Nesse desenvolvimento se expressa a própria natureza da evolução e esta exige a cada instante uma nova função e a função de nova habilidade. Essas funções e essas novas habilidades, ao entrarem em ação impelem a criança a buscar um tipo de atividade que lhe permita manifestar-se de forma mais completa. A imprescindível “linguagem” dessa atividade é o brincar, é o jogar. (ANTUNES, 2000, p.38)

O dicionário Bueno, traz a seguinte definição para o termo lúdico. “A palavra lúdico é derivada do termo latim *ludus* que significa brincar, incluindo jogos e brincadeiras e divertimentos.” (BUENO, 1996, p. 402).

Esse termo está relacionado com tudo o que refere a brincadeiras, jogos, brinquedos, músicas, atividades físicas e até na literatura, desde que estes sejam colocados de forma espontânea e prazerosa para as crianças.

Ao tomar conhecimento do termo lúdico se entendem que este faz referência a jogos, brincadeiras e brinquedo, contudo é importante destacar que tais conceitos não são sinônimos e com o objetivo de tornar mais claro o entendimento, passa-se a definição de alguns autores.

No dicionário Larousse, observamos mais detalhadamente, cada um dos termos estudados, vejamos que ações como jogo, brinquedo e brincadeira, fazem referência ao termo lúdico,

Jogo é a ação de jogar, folguedo, brinco, divertimento. Como exemplo podemos citar o jogo de futebol, olímpicos, jogos de dama, jogo de palavras.

Brinquedo- objeto destinado a divertir uma criança é o suporte da brincadeira.

Brincadeira- ação de brincar, divertimento, gracejo, zombaria. (LAROUSSE, 1982).

Percebe-se então, que os conceitos das palavras jogo, brinquedo e brincadeira são diferentes. O que se compreende é que , termo jogo está relacionado com a ação de jogar e que envolve regras pré-estabelecidas. Já brinquedo relaciona-se com o objeto que será utilizado pela criança para o seu divertimento. Enquanto a brincadeira diz respeito basicamente à ação de brincar, a um comportamento espontâneo sem regras ou limites.

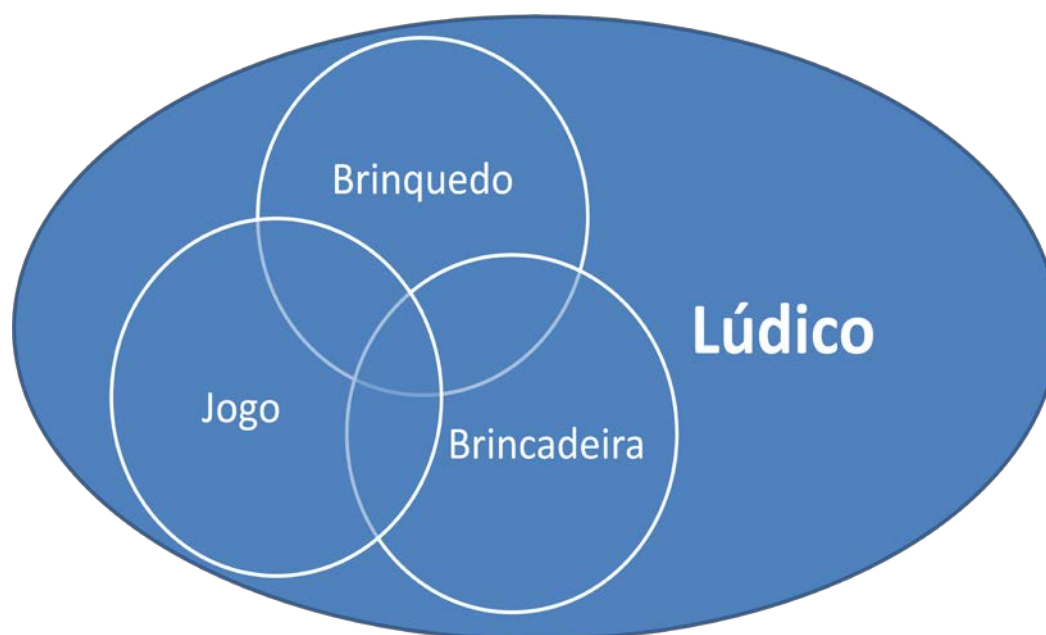
O lúdico seria, portanto uma junção destes termos de forma ampla. Isso vem ao encontro do que afirma Santos, “A palavra lúdico significa brincar. Neste brincar estão incluídos os jogos, brinquedos e brincadeiras, e é relativo também à conduta daquele que joga, que brinca, que se diverte” (SANTOS, 2000, p.57).

O caráter do jogo está relacionado, portanto, com ação de brincar onde existe a limitação do tempo, do espaço das regras, e onde o docente pode buscar desenvolver a partir de objetivos pré-determinados como, integração dos alunos, socialização, desenvolvimento de atitudes sociáveis.

A fim de ilustrar o entrosamento dos conceitos estudados até aqui, Miranda esclarece que “o jogo, brinquedo e brincadeira têm conceitos distintos, todavia estão ligados, ao passo que o lúdico abarca todos eles” (MIRANDA, 2001, p.30). Veja abaixo a visualização do exposto.

CATEGORIZAÇÃO DO LÚDICO

Figura 1 – Relação entre lúdico, jogo, brinquedo e brincadeira.



Fonte: MIRANDA, Simão de. **Do Fascínio do Jogo a alegria do Aprender nas Séries Iniciais**.

Miranda demonstrou a partir desta ilustração um entendimento perfeito sobre a caracterização do lúdico quando afirma que,

Pode-se depreender que o lúdico é uma categoria geral de todas as atividades que têm características de jogo, brinquedo, e brincadeira. O jogo pressupõe uma regra, o brinquedo, é o objeto manipulável e a brincadeira, nada mais é do que o ato de brincar com o objeto ou mesmo com o jogo. O jogo pode existir por meio do brinquedo, se os “brincantes” lhe impuserem regras. (MIRANDA, 2001, p.30)

Após o entendimento sobre a conceituação do lúdico, e visto que a intenção é compreender em que medida o lúdico favorece ou mesmo facilita o aprendizado dos pequenos, torna-se importante compreender o que é ser criança, como também qual o conceito de infância e como se caracteriza este nível de ensino do qual se está tratando

neste estudo, segue abaixo alguns apontamentos considerados relevantes para este trabalho.

1.2 A Criança e a Infância.

Apesar dos termos criança e infância serem comumente utilizados na sociedade, no senso comum, como se tivessem o mesmo significado, se sabe que cada um apresenta um conceito diferenciado.

Vários pensadores ao longo dos anos tem colocado que os conceitos de criança e infância são construções sociais que no decorrer dos anos tiveram seus significados modificados, o que se perceber é que, em cada sociedade e cultura estes conceitos variam, e isto de acordo com seus modos de vida, seus valores, sua classe social.

De acordo com o dicionário Aurélio (2001), “infância é o período de crescimento do ser humano, que vai do nascimento à puberdade, que é definida do nascimento até aos doze anos”.

É a fase da vivência e percepção do mundo a partir do olhar, tocar, saborear, sentir e agir. No dicionário Michaelis, se encontra o seguinte conceito para a infância,

No latim *infantia*, que significa período da vida, no ser humano que vai desde o nascimento até a adolescência; meninice. Outra, em geral criança é o primeiro período da existência de uma sociedade ou uma instituição, também começo de alguma coisa” (MICHAELIS, 2009).

O que se sabe, entretanto, é que a infância é o período das brincadeiras. É neste período que a criança se satisfaz em grande parte seus interesses, necessidades e desejos particulares, é uma maneira própria e interessante da criança se apropriar da realidade. Neste período, portanto é o estágio da vida em que são desenvolvidas as características específicas de cada individuo os quais os tornarão diferentes entre si.

De acordo com o estatuto da Criança e do Adolescente, no seu artigo 2º esclarece que “criança, para os efeitos desta lei, é a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescentes aquele entre doze e dezoito anos de idade” (BRASIL, 1990, p.01).

Analisando estes termos ao longo dos anos, percebemos como a criança e infância eram vistas em cada época. Para Philippe Áries, educador francês que se dedicou a estudar as concepções de criança e da família da idade média aos dias atuais.

Philippe Ariés realizou seus estudos a partir de observações em obras de artes medievais e na literatura, com isso chegou as seguintes conclusões. “Até por volta do século XVII, à arte medieval desconhecia a infância ou não tentava representá-la. É mais provável que não houvesse lugar para a infância neste mundo.” (ARIÉS, 1978, p.50).

Para ele, havia uma divisão histórica da infância, segundo Ariés, ao longo dos anos por meio de três identidades:

Primeira identidade: Criança adulta ou infância negada- séculos XIV e XV.
Segunda identidade: Criança –filho – aluno ou a criança institucionalizada- séculos XVI e XVII.
Terceira identidade: Criança sujeito social ou sujeito de direitos- século XX.
(SEBASTIANI, 2001)

O autor afirma que as crianças eram retratadas com fisionomias de adultos, como se fossem adultos em miniaturas. Nesta fase, as crianças não recebiam educação, valores e aprendizados sobre a vida de suas famílias, esta função era dos adultos, e aos pequenos restava à tarefa de ajudá-los.

Nesta época aconteciam muitas mortes de crianças, um verdadeiro infanticídio, por causa da precarização e da escassez dos serviços públicos, como saneamento básico, e falta de atenção à saúde. E aquelas que sobreviviam eram confundidas com os adultos. Sobre este fato Santini destaca que,

Essa mortalidade infantil era considerada natural (indiferente): talvez pelo grande número de mortes, talvez porque se acreditasse que criança pequena não tinha alma (SANTINI, 2009, p.37).

Este motivo era suficiente para que adultos não se apegassem às crianças, pois poderia acontecer uma perda repentina, conforme reforça Ariés em seu discurso: “as pessoas não podiam se apegar muito a algo que era considerado uma perda eventual” (ARIÉS, 1978, p.22).

Segundo Ariés (1989), no século XVII o termo infância era utilizado aleatoriamente e utilizado para se referir a indivíduos de até dezoito anos. Com isso a criança acabava assumindo tarefas e responsabilidades e vivendo experiências que não condiziam com sua etapa de desenvolvimento.

Devido a grandes transformações ocorridas no século XVII principalmente com as reformas religiosas católicas e protestantes, muitas foram às contribuições para

mudança de novo olhar sobre a criança, e quanto a sua aprendizagem. Ariés (1989) denomina de período da “paparicação”, e ressalta que este foi um dos primeiros reconhecimentos do sentimento da infância, onde a família dedica a esta criança excesso de mimos e de carinhos que muitas vezes a tornava sendo mal educada e sem limites.

A afetividade começa a ser demonstrada no trato com as crianças, percebe-se também a valorização pela educação destes indivíduos, que antes se dava pelo convívio de adultos, neste momento se apresenta a instituição escolar como um ambiente de aprendizado e da formação social e moral. As crianças foram separadas dos adultos e mantidas em escolas até estarem “prontas” para a vida em sociedade. (Áries, 1978).

No século XIX e XX nasce um sentimento de valorização da criança este indivíduo sai do anonimato e se torna um sujeito que necessita de um olhar diferenciado por parte da família para suas necessidades física, mental, cognitivo, afetiva e moral.

1.3 A Educação das Crianças ao longo dos tempos

Com o intuito de ampliar o conhecimento sobre a educação das crianças, torna-se imprescindível, conhecer um pouco mais sobre este movimento da educação ao longo dos anos.

Por muitos anos a educação das crianças esteve sob a responsabilidade da família, esta era encarregada de ensinar sobre valores, normas e regras da sua cultura e que seriam aprendidos pela criança.

Na sociedade contemporânea foi criada uma instituição, reservada para momentos de socialização, a partir da interação com outros, convivendo e aprendendo sobre sua cultura e adquirindo saberes para o seu pleno desenvolvimento.

A partir de pesquisas bibliográficas realizadas, foi possível verificar que apesar de não ter a denominação que se tem hoje, a educação de crianças há muitos anos já se praticava este ensino voltado para as crianças pequenas. Abaixo segue os relatos de registros do princípio deste ensino, onde aconteceram e quais foram os seus personagens principais.

Dentre os vários pensadores que se empenharam a estudar a educação das crianças pequenas, é importante destacar a contribuição de João Henrique Pestalozzi,

nascido na Suíça, foi um grande incentivador da educação escolar para as crianças nas idades entre três e seis anos, ele defendia a ideia de que a criança começa seu processo de aprendizagem desde o nascimento. Foi ele que introduziu o uso do material concreto para auxiliar na prática pedagógica dos educandos. Sobre este fato Rizzo enfatiza que,

A criança começa sua aprendizagem desde o nascimento, que a infância não era um mero período latente de esperar para ficar adulto, e foi ele que introduziu o uso de material concreto para provocar na criança o sentir os objetos em vez de ouvir falar deles. (RIZZO, 1985, p. 14)

Outro personagem que deu uma relevante contribuição na educação das crianças foi Oberlin, nascido na França. Segundo registros, após o período da guerra, a moral da sociedade Francesa estava baixa, comida escassa e saúde muito precária, por conta destes acontecimentos as crianças passaram ser motivo de preocupação para todos. Diante deste cenário de necessidades, surge então o padre João Frederico Oberlin com a ideia de trazer uma ocupação para as crianças de dois a seis anos.

Segundo o relato de Sebastiani em sua obra,

Tem-se o primeiro programa concebido especificamente para crianças pequenas foi a “escola do tricô” fundada em 1774 pelo padre Oberlin, na França (SEBASTIANI, 2001, p.48).

Rizzo (1985), explica, que uma professora fazia círculo com crianças de dois anos, crianças estas, filhas de trabalhadoras que não tinha onde deixar seus filhos. Sua metodologia aplicada pela docente naquele período era, portanto, a de conversar com os pequenos ensinando-os.

Outro fato marcante sobre o tema, foi à criação na Escócia da escola infantil criada por Robert Owen sobre este fato Sebastiani explica que,

Owen preocupado com as condições de vida e de trabalho de seus empregados, alguns dos quais tinha apenas seis anos de idade, ele iniciou grandes reformas sociais importantes para a época, incluindo o aumento da idade mínima para trabalhar para dez anos de idade. Fundou o “instituto para a; formação do caráter” que era organizado em três níveis que atendia alunos entre 3 e 20 anos. O primeiro nível era o infantil que atendia crianças de 3 a 6 anos; o segundo nível atendia crianças de 6 a 10 anos; e o terceiro era oferecido durante a noite e atendia alunos de 10 a 20 anos. (SEBASTIANI, 2001, p. 48)

Desde o princípio é notável uma preocupação das sociedades pela educação das crianças pequenas em várias partes do mundo e ao longo dos anos, sendo que progressivamente começa a se pensar este indivíduo que tem suas necessidades individuais e que precisam ser trabalhados a fim de obter benefícios para o homem e para a sociedade. Busca-se, portanto progressivamente elaborar um modelo de educação que contemple as potencialidades deste indivíduo.

Friederic Froebel, nascido na Alemanha, foi discípulo de Pestalozzi e dedicou sua vida a guerra e a liberdade dos povos. Após variadas experiências no campo das ciências, chegou a conclusão de que a verdadeira liberdade só pode ser adquirida através da educação dos jovens. Segundo Rizzo,

“Froebel, quis pôr em prática alguns princípios de educação que eram apenas seus e dedicou 14 anos à experiência de educar em liberdade a mente do homem com sentido de obter a plenitude de seu desenvolvimento” (RIZZO, 1985, p. 15).

Ainda neste sentido, a autora complementa que para Froebel,

“Educar o homem seria possibilitar o desenvolvimento de suas aptidões naturais de essência divina, fazendo-a desenvolver-se autoconsciente como ser pensante que gozava o privilégio de ser, até tornar-se livre e consciente de sua natureza” (RIZZO, 1985, p. 15).

Foi então aos 55 anos, que o filósofo Froebel, no auge de sua idade e de seus estudos sobre as crianças e os jovens, cria o primeiro jardim de infância. De acordo com a sua filosofia, ele acreditava que “reside nos primeiros anos de vida do homem a chave para o sucesso ou o fracasso de seu desenvolvimento pleno” (RIZZO, 1985, p.16).

Ainda sobre este assunto, a autora reforça que Froebel justificava sua metodologia de ensino voltado para liberdade, comparando as crianças a sementes que precisavam de cuidados especiais, conforme o seguinte relato,

Ele comparava as crianças a uma semente, que encerra em si um potencial (genético) de vir a ser que se bem adubado e exposto a condições favoráveis do meio ambiente, desabrocha numa árvore completa, madura, capaz de dar frutos saudáveis que se perpetuarão sua espécie. (RIZZO, 1985, p.16).

O ensino proposto por Froebel se assemelha com o ensino planejado para a educação das crianças na atualidade, ou seja, para a prática do “aprender fazendo”, da utilização de materiais concretos para a efetivação do aprender, da musicalização do

lúdico, tudo isso voltado para o desenvolvimento das potencialidades e plenitude do cidadão.

O papel do professor neste nível de ensino, cabia à tarefa de ensinar brincando junto com as crianças, ensinando e estimulando a fazerem as coisas com independência.

Atualmente é este o perfil do educador almejado nas escolas da educação nas escolas. Aquele que utiliza as canções para acalantar e aproximar os pequenos, também à utilização de gestos e movimentos que trabalham as noções espaciais das crianças dentre outras habilidades necessárias, porém que nem sempre encontramos na realidade das escolas.

No Brasil pode-se analisar que foram vários pensadores que contribuíram para o desenvolvimento da educação conforme consta nas bibliografias, porém houve autores que tiveram participação de destaque e que são mais relevantes para este trabalho.

Anísio Teixeira, Lourenço Filho e Heloisa Marinho conforme conta, foram discípulos de Dewey na Universidade de Chicago e responsáveis pela introdução da escola Nova no Brasil a qual buscava uma transformação radical no sistema de ensino brasileiro e trazia a tona a questão educacional para o centro das discussões políticas da época.

Todos tiveram grande influência na implantação da escola primária. Destes personagens a mais relevante para o nosso estudo é Heloisa Marinho, que deu sua importante contribuição para a elaboração deste nível de ensino no país e que fundamentou a educação infantil no Brasil, sobre este fato histórico Rizzo relata que:

Anísio Teixeira e Lourenço filho divulgaram a filosofia da educação de Dewey e lutaram pela implementação na escola primária e, a convite do primeiro, Heloisa Marinho foi trabalhar no instituto de educação –RJ, no Centro de Pesquisas da Criança tendo Lourenço Filho como seu diretor. (RIZZO, 1985, p. 25)

A contribuição mais importante de Heloísa Marinho foi à implantação em 1949 da escola de formação de professores pré-escolares e foi durante alguns anos, oferecido em nível superior de duração plena. A metodologia empregada, acontecia nos moldes do ensino estabelecido anos antes por Froebel. Um ensino voltado para o desenvolvimento natural, sadio, integral e harmonioso da criança.

Apesar dos esforços empreendidos para estabelecer o ensino da educação infantil foi somente a partir da promulgação da constituição de 1988 que as crianças tiveram direito garantido em instituição educativa.

Conforme consta no artigo 208 “ *IV - atendimento em creche e pré-escola às crianças de zero a seis anos de idade*”(BRASIL,1988).

Após este fato, foram percebidas muitas ações voltadas para o atendimento da criança neste nível de ensino e quanto ao cuidado da criança na primeira infância. Outro fato foi à formulação e implementação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) através da lei 8.069 em 13 de julho de 1990, onde estabelece em linhas gerais sobre os direitos da criança e do adolescente e isto inspirado nas diretrizes da constituição Federal.

Outro marco fundamental na garantia do direito do ensino voltado para as crianças foi à legislação das Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) no ano de 1996, onde reconheceu as creches e pré-escolas como parte integrante do sistema educacional brasileiro, sendo, portanto, a primeira etapa da educação básica, a educação Infantil conforme consta na seção II, do capítulo II(da Educação Básica), nos seguintes termos,

Art. 29 A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem com finalidade o desenvolvimento integral da criança até os seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.

Art. 30 A educação infantil será oferecida em: I – creches ou entidades equivalentes, para crianças de até três anos de idade; II – pré – escolas para crianças de quatro a seis anos de idade.

Art. 31 Na educação infantil a avaliação far – se – á mediante acompanhamento e registro de seu desenvolvimento, sem o objetivo de promoção, mesmo para o acesso ao ensino fundamental. (LDB,1996)

No ano de 1998, foi elaborado o Referencial Curricular Nacional para a educação Infantil estabelecendo e normatizando esta modalidade do ensino, trazendo direcionamentos para as instituições de ensino como os objetivos, conteúdos e metodologias, além de apontar metas de qualidade e que contribuam para que as crianças se desenvolvam de forma integral.

1.4 As Contribuições do Lúdico na Aprendizagem das Crianças

É inegável a afirmação de que o lúdico é uma atividade natural da criança e é através da prática do lúdico que a criança tem suas habilidades desenvolvidas. Conforme destaca SANTOS,

Os jogos, brinquedos, e brincadeiras são atividades fundamentais da infância. O brinquedo pode favorecer a imaginação, a confiança, a curiosidade, proporciona a socialização, desenvolvimento da linguagem, do pensamento, da criatividade e da concentração. (SANTOS, 2001, p. 110)

Ainda demonstrando a relevância do papel do lúdico para o desenvolvimento da aprendizagem das crianças, SANTOS afirma que,

O desenvolvimento do aspecto lúdico facilita a aprendizagem, o desenvolvimento pessoal, social e cultural, colabora para uma boa saúde mental, prepara um estado interior fértil, facilita os processos de socialização, comunicação, expressão, e construção do conhecimento. (SANTOS, 2000, apud SANTOS, 1997)

Cabe ao educador por meio de suas habilidades de docente, propiciar atividades que propiciem o aluno a aprender. Torna-se necessário que o educador saiba selecionar corretamente e de maneira didática os materiais que pretende usar em uma atividade voltada para o lúdico. Não basta apenas apresentar os brinquedos para as crianças, é preciso direcionar a brincadeira com determinado objeto, extraindo dele as melhores possibilidades de aprendizado.

O mesmo acontece com as brincadeiras é preciso direcioná-las, instigar as crianças sobre os objetivos das situações problemas pretendidos pelo professor, por meio de determinada atividade lúdica. Esse tipo de possibilidade facilita interação infantil, além de auxiliar na busca de soluções de problemas.

Nesse contexto, Santos salienta que,

É pelo contato com brinquedos e materiais concretos ou pedagógicos que se estimulam as primeiras conversas, as trocas de ideias, os contatos com os parceiros, o imaginário infantil a exploração e a descoberta de reações. (SANTOS, 2001, p.112).

Portanto, é essencial que o aluno conheça o material pedagógico e o brinquedo, que esse seja criteriosamente selecionado pelo professor, pois de acordo com Kishimoto ,

O brinquedo, sendo o objeto manipulável, é o suporte da brincadeira, que tem uma relação íntima com a criança quando esta exerce uma ação, ou seja, quando mergulha no lúdico.(KISHIMOTO,1997,p.23)

A autora reforça ainda que,

O brinquedo tem que ser apalpado, escolhido pela criança, tem que representar na brincadeira, o que ela quer que ele represente e não que venha alguém e imponha o brinquedo que ela deve brincar e o que deve representar. (KISHIMOTO, 1997, p.23).

Outra postura, colocada por Santin (1997), faz referência à questão da mídia e ao comércio na sociedade capitalista. Explica que a mídia tem direcionado o brinquedo que seduz tanto aos pais como aos filhos, deixando de lado o poder de decisão das crianças em procurar ou querer o brinquedo.

Que benefícios haverá para seu desenvolvimento cognitivo e motor, sendo que a mídia, impõe a elas o produto que tem como finalidade atender ao mercado. Esse mercado na maioria das vezes, está atrelado a outras fontes de investimento capitalista, que, atendendo a jogadas de marketing, lançam no mercado em sua maioria, brinquedos que estão ligados à venda de algum outro produto.

Nesse conjunto, é importante que a criança tenha liberdade de escolher os brinquedos e brincadeiras que deseja brincar, pois, enquanto brinca, ela expõe sua imaginação entre a fantasia e a realidade e assim aprende também a transformar as brincadeiras, em atividades para fixação da aprendizagem em sala de aula.

Quanto aos jogos que atendem ao apelo de mercado, nem sempre permitirão às crianças relacionar a fantasia com a realidade. Os jogos e as brincadeiras fazem com que a criança aprendam mais sobre a vida e até mesmo como enfrentar os obstáculos.

As crianças criam suas brincadeiras e na maioria das vezes, por imitação da vida adulta e com elas buscam enfrentar certas situações onde elas acabam por demonstrar seus medos e suas aflições, propondo por meio da brincadeira a possibilidade de vencer seus fantasmas ou realizar seus sonhos.

Ao se referir ao lúdico, Santos considera que, “a utilização de brincadeiras e jogos no processo pedagógico faz despertar o gosto pela vida e levam as crianças a enfrentarem os desafios que lhe sugerem” (SANTOS, 1997, p.18).

Desse modo, as brincadeiras se tornam de vital importância à aprendizagem de crianças em idade escolar, haja vista sua função como possibilidade de aprendizagem, além de ser um elemento motivador no processo de desenvolvimento cognitivo, social e emocional das crianças.

Outro aspecto relevante é sobre a questão dos horários dedicados a atividades lúdicas, esse não deve ser usado somente nos horários vagos, quando a criança não tem o que fazer.

É papel do educador, promover atividades e propor jogos e brincadeiras para dentro da sala de aula, desenvolvendo atividades que estimulem a aprendizagem. Graciani aponta que,

A perspectiva que busca encarar no tempo livre apenas o momento da negatividade e da ausência do projeto educativo deixa de perceber o importante papel que a corporeidade lúdica possui no processo do sujeito social, o cidadão. (GRACIANI, 2005, p. 157).

A autora ainda acrescenta que:

A negação do tempo livre de brincadeiras, em última análise acaba sendo a negação do próprio jogo infantil, de possibilidade da constituição dos grupos de brincadeiras e de não percepção do papel estruturante de brincadeiras e do lúdico para o processo de desenvolvimento do sujeito (GRACIANI, 2005, p. 16).

O desenvolvimento integral da criança depende de diversos fatores, mas principalmente da metodologia aplicada em sala de aula e pela escola. A autora continua assinalando que,

O lúdico deve estar presente na sala de aula, porque faz parte da vida da criança, onde ela experimenta situações e para isso precisa de tempo e espaço. (GRACIANI, 2005, p.61).

Percebe-se que o lúdico é um elemento presente na vida da criança, mas para que sua expressão máxima se manifeste no jogo é preciso que haja suspensão da obrigação e do constrangimento e que seja viabilizado espaço e tempo para seu desenvolvimento.

A criança sempre busca algo novo para as brincadeiras e por isso, precisa de liberdade para usar sua imaginação, se desenvolva, ou seja, criando s e u s brinquedos e brincadeiras.

Para a criança, o lúdico é a forma de expressar, seus desejos e também suas experiências. Para o adulto, o jogo e a brincadeira são atividades para horas de lazer, mas para a criança é algo sério, atividades que a permite usar a imaginação e descobrir a si mesmo e ao mundo.

A prática do lúdico torna-se relevante, pois as crianças desenvolvem a coordenação motora e o aspecto sócio-afetivo, assim ela desenvolve amorosidade e respeito para com os seus pares, além de habilidades e competências que são exigidas na vida em sociedade. Sobre este fato Almeida enfatiza que,

É precioso organizar o jogo de tal forma que, sem destruir ou sem desvirtuar seu caráter lúdico contribua para formar qualidades do trabalho e do cidadão futuro. (ALMEIDA, 2000, p. 57).

Ilustrando a afirmação, lúdico na criança, segue abaixo um fato que vemos corriqueiramente na mídia, na escola e na vida, por exemplo, muitos jogadores famosos começaram a jogar na escola, se apaixonam pelo futebol, e seguem em frente profissionalmente.

Por este motivo, o lúdico deve ser cada vez mais estimulado em casa e na escola, pois o esporte, além de tirar muitas crianças da rua, diminuindo possíveis envolvimento com a violência, contribui para a saúde, e ao mesmo tempo, adquire habilidades, como coordenação motora, seu relacionamento sócio afetivo e o principalmente cognitivo. Almeida afirma, que

Os jogos mantém uma relação estreita com a construção do conhecimento e possui influência como elemento motivador no ensino aprendizagem. (ALMEIDA, 2000, p. 57).

O lúdico na escola deve ser bem explorado pelos educadores, pois estes, podem mudar a vida de algumas crianças, daquelas que não brincam em casa, pelo fato de terem que trabalhar, ou mesmo por ter que cuidar dos irmãos mais novos e não vêm a sua infância passar, por isso, cabe à instituição educativa oportunizar essas crianças à prática de esportes e aprendendo com outros brinquedos educativos nas escolas.

O interesse pela aprendizagem por parte da criança, pode ser alcançado através do lúdico, porque facilita o seu raciocínio e desenvolve suas potencialidades e capacidades para a construção do conhecimento. Graciani ressalta que,

Antes de ser instrumento de trabalho indefinidamente prolongável em outros instrumentos, o corpo necessita auto construir-se na gratuidade e criatividade do prazer e do jogo. (GRACIANI, 2005, p.152).

Portanto, a criança envolvida nas atividades lúdicas, é perceptível a melhoria dos seus movimentos e em suas habilidades, ela expressa todos seus sentimentos nos brinquedos, tem a capacidade de se transportar para uma situação durante a brincadeira, e resolver conflitos que possa apresentar.

O lúdico faz parte da rotina da educação das crianças, não se pode elaborar um planejamento educativo, sem pensar em atividades lúdicas que possam fundamentar o aprendizado da criança. É através das brincadeiras propostas, que o professor conseguirá um resultado mais imediato e satisfatório no conhecimento dos estudantes.

Ele pode até conseguir que aprendam a partir de outros métodos, contudo, somente com a prática do lúdico, as crianças terão muito mais interesse e efetiva participação nas atividades, pelo fato de que a brincadeira é indissociável da criança.

A partir das reflexões acima, observa-se que a aprendizagem por meio do lúdico, favorece um conhecimento construtivo e uma alternativa que possa conduzir as crianças a uma educação eficaz e cheia de significados. Conduzindo os alunos a adquirirem comportamentos sociais fundamentais para a vida em grupo. Ainda nesta perspectiva, vamos apresentar neste próximo capítulo, oficinas com a utilização de jogos pedagógicos, buscando constatar as possíveis contribuições deste, para o conhecimento das crianças.

CAPÍTULO II

RELATO DA EXPERIÊNCIA COM O LÚDICO NO PRIMEIRO ANO DAS SÉRIES INICIAIS

Este capítulo tem como objetivo demonstrar a minha atuação com a prática do lúdico na sala de aula na turma do primeiro ano das séries iniciais, ocorrido durante a minha prática como docente à nove anos, sempre lecionando em turmas do ensino fundamental inicial, e como observadora participante no meu projeto quatro, o qual propus o planejamento de oficinas pedagógicas a partir de brincadeiras ao ar livre que objetivavam trabalhar, movimento, coordenação motora, equilíbrio, atenção, etc.

Percebi que as crianças demonstraram interesse e efetiva participação durante as brincadeiras, nem imaginavam que aquelas brincadeiras tinham os objetivos que eu queria alcançar, entendiam que estavam numa recreação dirigida. Mas na verdade a cada movimento havia uma intencionalidade.

Este trabalho vem abordar justamente, a prática dessa ferramenta no processo do ensino/aprendizagem, buscando a compreensão de que quando se trabalha com jogos e brincadeiras no cerne de uma instituição educativa, não estão sendo deixado de lado a seriedade e a relevância dos conteúdos programáticos e do currículo, é algo complementar que irá auxiliar o professor no sucesso da aprendizagem.

Analizando a literatura sobre o tema se verifica que o lúdico favorece o desenvolvimento integral da criança, uma vez que possibilita o desabrochar da imaginação, da percepção, da fantasia e da sua interação com seus pares. Estes aspectos se tornam fundamentais para a assimilação de novos aprendizados.

2.1-Local da Pesquisa

É importante destacar que a escolha deste tema ocorreu por estar atuando há algum tempo, como docente nas séries iniciais. Diante disso, me chamava à atenção o fato de como era notório o interesse dos pequenos pelos trabalhos desenvolvidos, quando o assunto era brincadeira. Os seus olhinhos brilhavam quando eu dizia, vamos brincar?

Frente a tal interesse, quis conhecer um pouco mais sobre a literatura que tratava deste tema, e o que os autores poderiam acrescentar a partir das suas reflexões em minha prática pedagógica.

Para entender melhor o objeto deste estudo, é importante destacar as principais características da escola e fatores que favorecem o seu bom funcionamento, em seguida a descrição da proposta pedagógica da escola e finalmente a sala de aula.

De acordo com o projeto político pedagógico da escola (PPP, 2013), em 1993 a Agrovila São Sebastião passa a ser Região Administrativa XIV, por força da lei nº. 167 de 25/03/93, criando 06 quadras para atender a situação emergencial naquele momento. Muitas famílias foram removidas da “área de risco” de São Sebastião detectada pela Defesa Civil. Através de cadastramento dos moradores pelo IDHAB em outubro de 1997.

Em outubro de 2001 iniciou-se a ocupação das quadras 301, 302 e 303 do Bairro Residencial Oeste pelos moradores cadastrados num total de 337 lotes residenciais. Em 2002 a Secretaria de Habitação promoveu a construção de 150 casas populares que foram distribuídas a moradores que possuíam cadastro na Secretaria, outros 145 lotes foram entregues para as Associações e Cooperativas Habitacionais de famílias que residiam em área invadida de diversos locais do Distrito Federal, perfazendo um total de 1.585 lotes residenciais e 111 lotes para comércio local. Todos estão localizados na Expansão do Bairro Residencial Oeste.

Devido a esse crescimento, foi necessário acrescentar também mais escolas em São Sebastião para atender a grande demanda de crianças que hoje fazem parte dessa população. Em 2005, iniciou-se a obra para atender as crianças moradoras desse bairro.

A área construída é composta atualmente de 19 salas de aula, 02 salas de reforço, 01 sala de recursos, 01 sala de leitura, 01 sala de direção, 01 sala de vice-direção, 01 almoxarifado, 02 sanitários administrativos, 04 sanitários para os alunos, 01 sala de professores, 01 sala de mecanografia, 01 sala de apoio, 01 secretaria, 01 pátio, 02 sanitários para alunos com necessidades especiais, 01 elevador para alunos com necessidades especiais, 01 central de gás, 01 vestuário, 01 cozinha com depósito, 01 depósito para oficina pedagógica.

A escola dispõe de uma área externa composta de estacionamento e parque infantil. Dispõe também de calçada para hora cívica e guarita (com sanitário) para uso da vigilância e portaria. O GDF disponibilizou todo o imobiliário e recursos humanos

necessários para iniciar as atividades escolares em 2006. Todas as matrículas foram efetivadas na DRE, enquanto aguardava-se a entrega da obra pela engenharia.

A escola foi inaugurada em março de 2006 sendo organizada não simplesmente uma escola, mas um conjunto com toda sua complexidade formal e institucional para que seja de grande utilidade para toda comunidade.

A instituição educativa atende a todos os níveis do ensino fundamental inicial, inclusive educação infantil. O fato é que a escola não possui estrutura adequada para atender as crianças do ensino infantil e primeiro ano, pelo fato de apresentar falhas como: falta de sanitários adaptados para os pequenos, mobílias incompatíveis para a idade. Além de não possuir área apropriada para o desenvolvimento de atividades lúdicas como: brinquedoteca, biblioteca, salas de vídeo entre outros recursos que são fundamentais para um ensino eficaz nestes níveis de ensino.

A escola possui na área externa, um estacionamento, que foi dividido por um alambrado e improvisado um parque, com alguns brinquedos como dois escorregadores, dois balanços, e uma gangorra. O que é insuficiente para o usufruto de toda a turma que normalmente no primeiro ano possui vinte e cinco alunos.

Para o desenvolvimento das atividades lúdicas planejadas e direcionadas, resta o outro lado do estacionamento, o qual não é coberto, e as crianças ficam expostas ao sol. Mesmo com essas dificuldades é possível realizar as atividades.

A direção da escola, com o intuito de acabar com a correria das crianças, o que levava a brigas e ferimentos durante o intervalo dos pequenos, providenciou para cada sala de aula do infantil, dos primeiros e segundos anos, um kit para as crianças principalmente para o uso no horário destinado ao recreio, contendo bambolês, bolas de futebol e basquete, damas, palitos coloridos, e jogos de boliche.

O que se sabe é que não é o ideal, nem tem objetivo educativo e sim, encontrou nos brinquedos uma possibilidade para acabar com um problema no recreio, que era a quantidade excessiva de crianças feridas pelos colegas por falta de opção de brincadeira.

2.2 Proposta Pedagógica da Escola

A proposta pedagógica da Escola Classe Bela Vista tem o objetivo de formar alunos conscientes, reflexivos, críticos e motivados à participação democrática como

cidadãos ativos. Pretende oferecer uma educação humanista e holística embasada em conhecimentos inter e transdisciplinares, contextualizados ao cenário global e aplicados à realidade local. A escola vem buscando formar pessoas íntegras, conscientes de seus talentos, capazes de selecionar informações, e ter autocrítica para, de forma prática, ‘côncios de seus direitos e deveres, capazes estabelecer relações sociais adequadas e harmoniosas. A escola pretende que os alunos sejam respeitados no seu pensar e fazer, no seu espaço de crescer.

A escola espera contribuir, oferecendo atendimento com padrão de qualidade, focando as funções de educar e cuidar, oferecendo assim, um suporte à família que necessita de uma estrutura educacional na primeira infância que a auxilie na educação de seus filhos, dentro de uma perspectiva de coletividade e com vistas no desempenho de um trabalho de excelência da escola pública.

No entender de seus dirigentes o grande desafio da escola, hoje, é educar e capacitar seus alunos para viverem num mundo globalizado e de novas perspectivas e exigências.

Segundo a gestão da escola, é crescente a preocupação dos pais com a formação de seus filhos que terão de enfrentar mudanças arrojadas que já estão ocorrendo. A Educação Básica, adequada à nova Lei de Diretrizes e Bases nº. 9394/96 está voltada para as demandas deste cenário, buscando atender as necessidades das novas gerações e do mercado de trabalho, mas a Escola Classe Bela Vista também atende as necessidades das famílias que buscam um espaço libertador para que suas crianças e adolescentes possam assumir e expressar a essência de sua condição de sujeitos livres, cientes de seus direitos e deveres, exercitando sua cidadania.

A escola elegeu como eixo norteador do trabalho pedagógico neste ano o desporto escolar, justificando a escolha do tema por conta do evento da copa das confederações , visto que o tema estaria na mídia e poderia favorecer a participação e entrosamento dos alunos nas atividades propostas.

Em sua justificativa pelo tema, a gestão esclarece que prática esportiva é um instrumento educacional e pedagógico importante para o desenvolvimento integral dos educandos, pois, capacita o sujeito a lidar com suas necessidades, desejos e expectativas, bem como, com as necessidades do outro. Oferece mais qualidade de vida, ajudam a fortalecer o organismo de forma geral, melhora os aspectos psicológicos, físicos, ensinam a trabalhar em equipe, a lidar com regras, limites. Permite desenvolver

técnicas, sociais, comunicativas tão essenciais ao processo de desenvolvimento individual e social.

Nas brincadeiras que utilizam o esporte como atividade física, ocorre o esporte-lazer, pois, o esporte acontece de forma despretensiosa, com a finalidade apenas de lazer, de puro prazer pela atividade física, sem a obrigatoriedade de cumprir metas, obter notas, classificações. O esporte lazer, como coloca Tubino,

É diferente do esporte educacional ou de rendimento. Ele é autônomo, livre, sem a obrigatoriedade da participação do indivíduo ou do dever de cumprir metas e títulos. (TUBINO, 1996)

Entretanto, a prática esportiva proporciona a construção de valores de caráter, respeito às individualidades dos participantes, convívio em grupo, resolução de forma pacífica de atritos e desentendimentos durante as atividades coletivas, desafios, a lidar com a perda, solidariedade e muitos outros aspectos importantes na formação humana e o desporto escolar contribui para a sua formação integral.

A escola trabalha com a pedagogia de projetos. Visa à socialização e interação dos alunos, e isso dando enfoque à utilização do lúdico e dos esportes como tema central. Ela vem propondo um ensino voltado para os temas do cotidiano, e uma forma interdisciplinar e mais atual da relação ensino aprendizagem.

A partir do tema central que é o desporto, a escola propõe incentivar, no manejo didático, a leitura como desabrochar da aprendizagem, trabalhará com diferentes projetos planejados para cada série de acordo com suas competências e habilidades. Com projetos e temas dentro dos eixos estruturantes do Currículo em Movimento- cidadania, sustentabilidade humana, aprendizagens, diversidade, educação das relações étnico-raciais, relação do campo, relação em gênero e sexualidade e relação dos direitos humanos.

Numa perspectiva de resgatar a identidade e valorizar a cultura, a escola propôs projetos das datas comemorativas, hora cívica, festividades, saúde, leitura e os que vierem a ser necessária como intervenção pedagógica. Abaixo elencados:

Quadro 1 - Projetos desenvolvidos pela escola pesquisada

PROJETOS DESENVOLVIDOS	OBJETIVOS
Projeto de leitura: Ler para encantar	Levar os alunos a ter gosto pela leitura, o desejo de abrir um livro para ler.
Viajando na escrita	Dar autonomia aos alunos para produzir seus gêneros textuais.
Projeto Interventivo: Jogos para ler e escrever	Minimizar as dificuldades de aprendizagem de alunos com defasagem no ensino.
Projeto: Prevenção contra a dengue	Levar os alunos a conhecer todos os aspectos que envolvem a dengue, num sentido de prevenção.
Projeto: Água, não desperdiçar ou pode acabar.	Sensibilizar os alunos para o grave problema da escassez de água.
Projeto: Brasília sem pedofilia	Objetivo: Conscientizar a comunidade escolar sobre a pedofilia.
Projeto: Oficinas - Fazer para ensinar	Produzir material pedagógico para ser utilizado em sala de aula como recurso didático.
PROERD- (Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência)	O objetivo é transmitir uma mensagem de valorização à vida, e da importância de manter-se longe das drogas e da violência.
Projeto: Conhecer o Trânsito	Conhecer os direitos e deveres do pedestre.
Hora Cívica	Trabalhar o sentido patriótico de todos os Símbolos Nacionais.
Projeto: Conhecendo Brasília	Realizar passeios escolares em todos os monumentos, teatros, pontos turísticos e museus de Brasília.
Projeto Interventivo de Valores	Trabalhar valores humanos com os alunos que apresentam comportamentos indesejáveis na escola.

Fonte: Adaptado do Projeto Político Pedagógico da Escola

Esta proposta pedagógica foi elaborada e formulada buscando respeitar as normas e os objetivos do projeto político pedagógico, que é o de envolver toda a comunidade escolar na sua construção, em uma reunião coletiva com todos os membros da equipe escolar, como professores, coordenadores, os diretores, a supervisão pedagógica, o orientador escolar, representante da cozinha, representantes da conservação e limpeza, equipe da secretaria da escola. Já do segmento dos pais, apesar de terem sido avisados via comunicado, não compareceu, somente aqueles que são funcionários da escola e também possuem algum filho matriculado na instituição.

Segundo as observações e análises feitas durante o projeto quatro nesta mesma instituição educativa, analisei que a gestão da escola tem-se empenhado para colocar em prática toda a proposta planejada para o ano letivo, porém, alguns tópicos, até este período, ainda não tiveram como ser executadas, por conta do tempo escasso, excesso de projetos, oficinas e cursos promovidos pela coordenação regional de ensino, e que eram obrigatórias a participação dos docentes, e também por atraso na verba financeira do PDAF (Programa de Descentralização administrativa e Financeira) que iria patrocinar, por exemplo, as oficinas para confecção de jogos pedagógicas para os docentes.

Os demais projetos foram implementados, e tiveram resultados satisfatórios, como por exemplo, o projeto do gosto pela leitura, palestras da secretaria de saúde sobre os cuidados e prevenções relacionados à dengue, o projeto água, onde recebemos a visita de profissionais da saúde, esclarecendo sobre o desperdício e escassez deste recurso natural.

Para os alunos dos 4º e 5º anos, ocorreu as palestras do PROERD (Programa Educacional de Resistência às Drogas e a Violência), onde a escola recebeu a visita semanal de um policial militar que, realizava as palestras esclarecendo sobre os males dos vícios e da violência. A culminância deste projeto se dará com uma formatura dos alunos participantes no final deste ano letivo.

Outro projeto que foi muito proveitoso foi o “conhecendo o trânsito”, também receberam a visita do grupo teatral do Departamento de trânsito (DETRAN) com apresentação de histórias de contos modificados, que tinham relação com os cuidados e prevenção de acidentes de trânsito.

CAPÍTULO III

DESCRIÇÃO E APLICAÇÃO DO LÚDICO NA SALA DE AULA DO PRIMEIRO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL INICIAL

Neste capítulo busquei organizar a metodologia qualitativa e exploratória, da seguinte forma, primeiramente descrever cada jogo e posteriormente descrever sobre a importância da prática do lúdico no cotidiano da sala de aula, buscando compreender se é possível a partir do lúdico ensinar conteúdos de forma prazerosa, como também verificar se realmente os alunos assimilam os conhecimentos com mais facilidade e interagem a partir da brincadeira.

A sala de aula selecionada para a observação e aplicação das atividades lúdicas é bem adaptada para os alunos, eles podem se locomover com liberdade, sendo possível a realização de algumas atividades lúdicas neste ambiente, as cadeiras e mesas são compatíveis para a idade das crianças sendo bem aconchegantes.

Nas paredes pode ser visto alguns cartazes com textos trabalhados pela professora, o alfabeto, o calendário, quadro com os aniversariantes, um varal contendo as tarefas das crianças, um trenzinho colorido também com a sequência do alfabeto e uma árvore de papel da amizade com o nome de todas as crianças. Têm dois armários alaranjados do antigo projeto do governo chamado Ciência em Foco, no qual as professoras do matutino e vespertino utilizam para guardar os pertences da turma e seu material de uso pessoal. O quadro da sala é branco no qual se utiliza pincéis próprios. Uma televisão e um DVD fixados acima do quadro branco.

Como a turma se encontra em processo de alfabetização, existem alguns materiais didáticos pedagógicos disponíveis na sala de aula que são utilizados diariamente pela professora que são: o kit de brinquedos oferecidos pela gestão, livros de literatura enviados pelo Ministério da Educação, que fazem parte do programa Alfabetização na Idade Certa, caixas contendo peças de montar conhecido como lego material dourado, palitos de picolés coloridos para auxílio nas contagens, massinha de modelar, quebra- cabeça, ficha conflito, jogo da memória, dama, pega varetas, filmes educativos, CD infantil, caixa de jogos direcionados para alfabetização, também enviados pelo Ministério da Educação.

Os jogos foram selecionados e tem relação direta com o aprendizado da alfabetização visto que a turma se encontra neste processo.

Estes jogos que foram utilizados foram oferecidos pelo ministério da educação para o primeiro ano, porém jamais haviam sido conhecidos pelas crianças.

3.1 – Descrição dos Jogos

Bingo dos sons Iniciais (2 a 15 jogadores ou duplas)

Cada jogador ou dupla recebe uma cartela, o professor sorteia uma ficha do saco e Lê em voz alta. Os jogadores que tiverem e sua cartela uma figura cujo nome comece com a sílaba da palavra chamada deverá marcá-la. O jogo termina quando um jogador ou a dupla marcar todas as palavras da sua cartela. Objetivo do jogo: compreender que as palavras são compostas por unidades sonoras e que podemos pronunciar separadamente; identificar a sílaba como unidade sonora.

Caça-rimas (4 jogadores ou duplas)

Cada jogador recebe uma cartela. As vinte fichas de figuras são distribuídas igualmente entre os jogadores. Inicia-se o jogo cada jogador deve identificar na sua cartela, as figuras cujas palavras rimam com as figuras que estão em suas mãos. Cada ficha deve ser colocada em cima da figura correspondente na cartela. Objetivo do jogo: perceber quais palavras diferentes podem possuir partes sonoras iguais, no final, e comparar palavras quanto às semelhanças sonoras.

Dado sonoro (2 a 4 jogadores)

As cartelas com as figuras numeradas devem estar à vista dos jogadores durante todo o jogo. Espalham-se as fichas sobre a mesa, com as frases voltadas para cima. O primeiro jogador inicia a partida lançando o dado e verificando qual é a figura na cartela que corresponde ao número sorteado. O jogador deverá escolher uma figura cujo nome comece com a mesma sílaba da figura indicada na cartela. Escolhida a ficha, o jogador pega para si. O próximo participante joga o dado e

repete o mesmo procedimento. Ganha o jogo quem conseguir o maior número de cartelas. Objetivo do jogo: comparar palavras quanto a semelhanças sonoras; identificar a sílaba como unidade sonora.

Batalha de palavras (2 jogadores ou duplas)

As fichas devem ser distribuídas igualmente entre os jogadores. Estes as organizam de forma que fiquem com as faces viradas para baixo, uma sobre as outras. O primeiro jogador vira a primeira ficha do seu montinho ao mesmo tempo em que seu adversário também vira uma ficha do montinho dele. O jogador que ao virar a ficha cuja palavra contiver maior quantidade de sílabas ganha a sua ficha e a ficha virada por seu adversário. O vencedor será aquele que ao final conseguir maior número de fichas. Objetivo: segmentar palavra em sílabas; comparar palavras quanto ao número de sílabas.

Mais Uma (4 jogadores)

Na mesa, devem ser espalhadas várias fichas com figuras e fichas com letras. O primeiro jogador lança o dado. Ele conduz o pino na trilha, contando a quantidade de casas correspondente ao número indicado no dado. Se na casa onde o pino parar houver uma figura/palavra o jogador deve procurar a ficha com a figura cuja palavra é semelhante a que está na casa da trilha (as duas palavras se diferenciam quanto à uma letra). Ao encontrar a ficha com a figura /palavra adequada ele deve identificar qual é a letra que está faltando na palavra da trilha para formar a palavra correspondente a figura selecionada. Se ele acertar a figura e a letra permanece na casa. Se errar volta para a casa onde estava. Objetivo: conhecer as letras do alfabeto e seus nomes; compreender que se acrescentarmos uma letra em uma palavra a mesma se transforma em outra.

Trinca Mágica (4 jogadores)

Cada jogador recebe três cartas e o restante delas fica em um monte, no centro da mesa, com a face voltada para baixo. Decide-se quem irá começar a jogada. O primeiro jogador inicia pegando uma carta e descartando outra. O jogador

seguinte decide se pega a carta do monte ou a carta deixada pelo jogador anterior. No caso de fazer essa ultima opção só poderá retirar a ultima carta jogada no morto, e não as que estiverem abaixo dela no monte. O jogo prossegue até que um dos jogadores faça uma trinca com três cartelas de figuras cujos nomes rimam. Objetivo: compreender que as palavras são compostas de unidades sonoras; perceber que as palavras diferentes podem possuir partes sonoras iguais no final; desenvolver a consciência fonológica, por meio da exploração das rimas.

Palavra dentro da palavra (até 4 jogadores)

As doze fichas de cor vermelha são distribuídas igualmente entre os jogadores. As fichas de cor azul devem ficar em um monte, viradas para baixo, no meio da mesa. Decide-se quem começa. O primeiro jogador deve desvirar uma ficha do monte e verificar quais, entre suas fichas vermelhas, apresentam “a palavra dentro da palavra” da ficha azul que foi desvirada. Caso encontre o par o jogador deve baixá-lo sobre a mesa; se nenhuma de suas fichas vermelhas tiver uma “palavra dentro da palavra” que foi desvirada ou o jogador não perceber o par, ela é colocada no final do monte e o jogo continua. Ganha quem se livrar de suas cartas primeiro. Objetivo: conhecer as letras do alfabeto; compreender que as sílabas são formadas por unidades menores; identificar o fonema inicial; comparar palavras.

Bingo da Letra Inicial (4 a 7 jogadores)

Cada jogador, ou dupla, recebe uma cartela. Um dos jogadores retira uma letra do saco e diz o nome da letra. Os jogadores verificam se estão precisando da letra para completar alguma das palavras, e caso algum deles precise grita o nome da letra. O jogador recebe o nome da ficha com a letra sorteada e a coloca na célula correspondente à palavra. Nova letra é sorteada e o jogo prossegue até que um dos jogadores complete sua cartela. Objetivos: identificar o fonema inicial das palavras; comparar palavras que possuem unidades sonoras semelhantes.

3.2 – Aplicação dos jogos

Os jogos foram aplicados na turma do primeiro ano do ensino fundamental inicial da qual sou a professora regente.

A escolha destes jogos se deu buscando casar o conteúdo apresentado nos jogos com aquilo que obrigatoriamente tenho que trabalhar segundo o currículo do ano em questão quando trata da alfabetização das crianças. Enfatizando que os jogos na alfabetização são fundamentais para a reflexão sobre o sistema de escrita, sem, contudo, terem que realizar atividades escritas repetitivas e cansativas que não tem nenhum significado para a criança. Reservei uma semana para estas atividades lúdicas no período matutino.

Como normalmente os alunos se encontram mais calmos e atentos no primeiro horário da aula, optei por brincarmos neste tempo da aula. E no segundo momento da manhã procurei dar continuidade ao planejamento pré-estabelecido assim como as outras turmas do primeiro ano.

No momento em que cheguei à sala com a caixa colorida onde continha os jogos, os alunos ficaram curiosos para saber do que se tratava. Logo após a explicação de como se daria as atividades naquela semana, pedi que organizassem a sala de aula em grupos de quatro alunos. É importante ressaltar que na caixa havia em torno de dez jogos iguais e que desta forma, daria para trabalhar o mesmo jogo com os quatro grupos formados na sala.

No primeiro dia, comecei explicando a regra do jogo Bingo dos sons inicial e o Caça rimas. Os alunos em grupos receberam os jogos e eu como regente, li as regras do jogo. Eles não tiveram dificuldades para compreender a explicação. Brinquei com o jogo no primeiro grupo a fim de demonstrar como seria jogado. Os alunos estavam ansiosos para o início, quando iniciaram percebi que aqueles que ainda tinham dificuldades iam conversando e sendo orientado pelos demais do grupo, o diálogo se tornou constante e fundamental. Eu como estava sozinha em sala, percorria cada equipe para auxiliar.

Resolvemos que faríamos três jogadas em cada jogo.

Já no segundo dia começamos a aula trabalhando os conteúdos do meu planejamento normal, e no segundo momento da aula apresentei os jogos do dia, o dado sonoro, pois percebi, no dia anterior que após as brincadeiras, eles estavam

desestimulados e com pouco interesse de realizar as tarefas escritas do livro de linguagem.

Por este motivo, damos continuidade aos jogos seguintes no segundo momento da aula.

A aplicação de toda a oficina se deu em uma semana e meia, pois alguns jogos demoravam mais para se encerrar.

Em toda a oficina percebi a alegria das crianças em participar. Foi proveitoso e logo quando chegavam em sala pela manhã perguntavam se naquele dia haveria brincadeiras, quando afirmava que “sim” ele diziam “oba!”.

Percebi que é possível, promover em sala de aula um ambiente favorável a aprendizagem através do lúdico, cuja metodologia fuja de atividades mecânicas e cansativas, o que falta é força de vontade e interesse dos professores de inovarem. O que ocorre é que os docentes em sua atuação profissional se perdem e deixam de se comprometer com uma educação de qualidade voltada para a construção de cidadãos ativos e participativos e atuantes na comunidade na qual estão inseridos.

3.3- Considerações sobre a oficina de jogos

Conforme já foi dito anteriormente, o lúdico faz parte da vivência da criança desde muito pequena. O que se sabe, contudo é que o lúdico e a aprendizagem vêm sendo tema de estudos de diferentes teóricos, dentre os tais se torna conveniente destacar aqueles que defendem a aprendizagem a partir do construtivismo como o suíço, Jean Piaget e Emília Ferreiro onde evidenciam que a criança deve ser participante ativa na construção do seu conhecimento e da aprendizagem. Apontando as brincadeiras como situações mais apropriadas para que a criança construa seu conhecimento.

Isso foi evidenciado durante as atividades, onde os alunos, a partir de cada jogada iam estabelecendo as conexões das ideias rumo à resposta correta, em alguns momentos, as respostas estavam incorretas, porém a partir daí, continuavam interagindo com os colegas ao redor e construindo suas hipóteses até finalmente chegar à resposta corretamente.

Durante a realização dos jogos, foi possível perceber que o lúdico favorece sim a aprendizagem dos alunos, percebi que ao longo da oficina as crianças estavam empolgadas e concentradas em cada jogada.

Os grupos foram organizados de forma que houvesse um misto de níveis de aprendizagem, ou seja, foram colocadas crianças que se encontram com o processo de alfabetização mais avançado, com aquelas que ainda se encontram em um nível inferior quanto à aquisição do sistema de escrita e leitura das palavras.

O intuito era que aqueles que sabiam ler e decifrar o código pudesse auxiliar o colega na construção do seu aprendizado, já que estaria sozinha em sala para fazer a mediação e as intervenções necessárias para o bom andamento da oficina.

E a cada acerto, se percebeu que iam construindo o conhecimento sobre os processos da alfabetização, mantendo um clima de entusiasmo e interação e conversas com seus pares, o que, para ALVES (2003) torna-se fundamental para o estabelecimento da aprendizagem. Ela enfatiza que quando há interações entre o sujeito que conhece e o objeto a ser conhecida, a aprendizagem se dá por construção do sujeito na interação com o outro e com o conhecimento.

O currículo da escola nos orienta a trabalhar temas como criatividade, imaginação, interpretação, tomada de decisão, e muitas vezes o professor acaba por apresentar tais conceitos com atividades escritas e em folhas de forma enfadonhas. Sendo que na aplicação desta oficina, por exemplo, consegui contemplar os conceitos utilizando somente os jogos propostos.

No decorrer da atividade e a partir da participação e entusiasmo das crianças observei que é possível aliar o conhecimento historicamente construído e o prazer de apreender novos conhecimentos.

Ao longo de todas as etapas das jogadas permaneci acompanhando os grupos em suas dúvidas, e para ver se as crianças estavam sendo honestas, pois alguns mais espertos aproveitavam que já haviam compreendido bem as regras e tentavam burlá-las e enganar os outros. Eu então aproveitava o gancho da situação para lhes explicar que não deveriam agir daquela maneira por questão de ética e respeito com o seu colega.

É importante que o professor compreenda que só o fato de trazer atividades lúdicas, jogos ou brincadeiras para a sala de aula, certamente não será garantia de uma aprendizagem e alcance dos seus objetivos pedagógicos e não podem ser a única estratégia didática. É necessário que o docente trabalhe como o mediador do

conhecimento estabelecido, e o conhecimento a ser ensinado. Fazendo, contudo, o papel de problematizador das situações do jogo e da brincadeira, sistematizando os conhecimentos. Conforme afirma MRECH (2008, p.128) “brinquedos jogos e materiais pedagógicos não são objetos que trazem em seu bojo, um saber pronto e acabado.”

Consciente desta questão, no final das jogadas do primeiro dia, propus aos alunos algumas atividades de sistematização da escrita no quadro branco, utilizando as palavras, as quais foram aparecendo nas jogadas.

Produzimos uma lista de palavras rimadas, montamos algumas delas no alfabeto móvel e reproduzimos no caderno. Ou seja, o conhecimento adquirido no jogo foi sistematizado e melhor compreendido a partir da minha intervenção no quadro branco. Percebi que as crianças compreenderam os conceitos, por exemplo, das rimas, quando em outro momento, fizemos a produção de um pequeno poema, onde teríamos de encontrar palavras que rimavam, pela participação do grupo percebi que haviam assimilado tal conhecimento.

Foi fácil perceber o desenvolvimento de alguns benefícios motor, cognitivos e sociais das crianças. No aspecto motor, se observou os vários movimentos realizados pelos alunos durante a brincadeira, a cada expectativa de ganhar, as comemorações ao vencer, dando voltas na sala de aula.

No aspecto cognitivo, o jogo contribuiu para a desinibição, produzindo uma euforia intelectual altamente estimulante, desenvolvendo, portanto habilidades como atenção, memória, criatividade dentre outras.

E finalmente na questão social, a brincadeira favoreceu a representação de uma realidade que ainda não podem alcançar, interagindo com outros colegas, compartilhando, dando a vez para o outro jogar, aprendendo a aceitar a perda, cedendo à vontade do amigo, recebendo em algumas situações. Aprenderam a respeitar as regras impostas e a serem respeitados.

Considero que o objetivo de compreender as contribuições do lúdico para a aprendizagem dos alunos foi plenamente observado e ficou constatado de que o papel deste instrumento em sala de aula é fundamental para alcançar resultados favoráveis à educação e desenvolvimento de habilidades e competências das crianças.

Não somente o jogo por si só, com o auxílio de um planejamento bem estruturado, juntamente com a escolha de jogos e brincadeiras que possam realmente contemplar, ou trabalhar os objetivos do qual o professora queira alcançar.

Sem deixar de aproveitar os conhecimentos adquiridos pelos pequenos durante as brincadeiras, para sistematizar e problematizar aquele jogo de formas diferentes, isso faz com que o aluno assimile melhor os conhecimentos adquiridos.

No geral, as atividades foram desenvolvidas de forma satisfatória, pois a cada brincadeira proposta observou-se que os objetivos foram contemplados como o desenvolvimento do diálogo, da oralidade, a comunicação e argumentação entre seus pares, a adequação dos ritmos, agilidade, rapidez, desempenho físico, e liberdade dos movimentos, respeito a regras, enfrentaram desafios em percursos diversos, agilidade física e mental, a competitividade entre eles, sabendo ganhar e aprendendo a perder.

Para fortalecer essa afirmação, SANTOS reitera que,

O brinquedo possibilita a criança desenvolver sua imaginação, expressar seus dramas e construir sua consciência da realidade. Ao imitar o adulto e ao brincar de faz de conta está demonstrando sua vontade de crescer; pois neste momento o brinquedo representa o mundo que ela quer conquistar. (SANTOS, 2000, p.10)

Quando se oferece à criança um ambiente familiar e educativo propício, para o desenvolvimento dessas habilidades e competências, estamos favorecendo essas características. É o homem criativo que mudará a humanidade.

A sociedade contemporânea cada vez mais tem buscado um homem criativo, e autônomo que possa atuar de forma ativa e crítica frente à realidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante as investigações sobre o papel do lúdico na aprendizagem das crianças do primeiro ano das séries iniciais, foi possível analisar que o lúdico está intimamente relacionado com o desenvolvimento das aprendizagens nas crianças.

Este, portanto deve servir como ferramenta cotidiana na busca de se construir saberes historicamente constituído. Na medida em que estimula interesses por parte dos alunos, favorece a constituição de novas descobertas e tendo o docente como facilitador, mediador e motivador desses conhecimentos.

Percebeu-se que as crianças se comunicam com seus colegas de forma clara, resolvem conflitos, discutem soluções para dificuldades encontradas. E com isso acabam levando os conhecimentos adquiridos e as práticas sociais aprendidas no jogo para seu respectivo meio social.

Também se constatou que é possível ensinar conteúdos diversos de forma divertida e com entusiasmo, a partir das brincadeiras e jogos, porém se deve fazer a escolha destes, com o foco no objetivo que o professor deseja alcançar.

Verificou-se claramente que os alunos adquiriram os conhecimentos e os objetivos planejados para cada jogo, entenderam e obedeceram as regras e puderam reproduzir as aprendizagens assimiladas durante a oficina.

Durante a realização das oficinas constatei algumas dificuldades, primeiramente foi tentar ajustar o planejamento do primeiro ano, já pré-determinado por todo o segmento do primeiro ano com os jogos propostos. Outra situação foi a inquietação e teimosia das crianças, elas sempre eufóricas, não conseguiam me ouvir com clareza, e alguns tentavam burlar as regras para vencer a jogada. Apesar disto, não comprometeu o resultado do trabalho.

Ao final desta pesquisa, percebo ainda uma insatisfação com relação a finalização do trabalho, pois apesar de parecer um tema simples, ao me desdobrar sobre os teóricos entendi a amplitude do tema, porém o tempo não me permitiu coletar mais dados, porém permanece em mim a vontade de continuar a pesquisar este tema que me cativou grandemente, quem sabe em uma pós graduação.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Celso - Jogos para a estimulação das múltiplas inteligências. 6ªed. Petrópolis. Vozes, 2000.

ARIÉS, Philippe. História Social da Criança e da Família. Rio de Janeiro. LTC, 1978.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. 17. ed. Brasília, DF: Câmara dos Deputados, 2001.

BRASIL. Legislação de diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF: Câmara dos Deputados, 1996.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à gestão Educacional. Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa. Ludicidade na sala de aula: ano 1, unidade 4/Ministério da Educação. Brasília: MEC, SEB, 2012.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa. Manual Didático, Jogos de Alfabetização. Ministério da Educação. Brasília: MEC, SEB, 2012.

BUENO, Silveira. Minidicionário da Língua Portuguesa. Ed.rev. e atual. São Paulo: FTD, 1996

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Dicionário da Língua Portuguesa. Disponível em: <http://www.dicionariodoaurelio.com/Infancia.html>. Acesso em: 22 de Outubro de 2013.

FRIEDMANN, Adriana. A Arte de brincar. São Paulo: Scritta, 1995.

GRACIANI, Maria Estela Santos. Pedagogia social de rua: análise e sistematização de uma experiência vivida. 5ª ed. São Paulo, 2005.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida (org). O brincar e suas teorias. São Paulo: Cengage, 1998.

MRECH, Leny Magalhães. O uso de brinquedos e jogos na intervenção psicopedagógica de crianças com necessidades especiais. In: KISHIMOTO, Tizuko Morchida. Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação. 11ªed. São Paulo, Cortez, 2008.

MIRANDA, Simão de. Do Fascínio do Jogo a alegria do Aprender nas Séries Iniciais. Campinas, SP: Papirus, 2001.

PIAGET, Jean. A Psicologia da criança. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

REGO, Teresa Cristina. Vygotsky- Uma perspectiva histórica – cultural da educação. 12ªed. Petrópolis, Rio de Janeiro. Vozes, 2001.

RIZZO, Gilda. Educação Pré Escolar. 3º Ed. Rio de Janeiro.

Alves 1985.

SANTOS, S. M. P. Brinquedoteca: o lúdico em diferentes contextos. 6º Ed. Rio de Janeiro: Vozes. 2000.

SANTOS, Santa Marli Pires dos. Brinquedoteca: a Criança, o adulto e o lúdico. 2º Ed. Rio de Janeiro: Petrópolis 2001.

SEBASTIANI, Márcia Teixeira. Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Educação Infantil. 2º ed- Curitiba, PR. Iesde, 2009.

APÊNDICE

Apêndice 1: Carta de apresentação à escola

Universidade de Brasília
Faculdade de Educação
Departamento de Teoria e Fundamentos
Área: Sociologia da Educação - Período: 02/2013
Projeto 5 – Trabalho de Conclusão de Curso

Título: As Contribuições do Lúdico na Aprendizagem de Crianças do Primeiro Ano das Séries iniciais: Experiência na Escola Classe Bela Vista de São Sebastião-DF

Maria Edelmice Carneiro de Sousa - 10/0057951

Orientadora: Profª. Sônia Marise Salles Carvalho

Brasília, 27 de novembro de 2013

Senhor (a) Diretor(a),

A aluna Maria Edelmice Carneiro de Sousa, matrícula UnB nº. 10/0057951, é aluna do curso de Pedagogia da Universidade de Brasília e está atualmente na fase final de seu curso, momento da realização do trabalho monográfico de conclusão de curso, denominado no currículo do curso de “Projeto 5”, sob minha orientação, Prof. Dra. Sônia Marise Salles Carvalho.

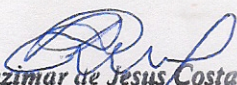
O programa do Projeto 5 tem por objetivo proporcionar ao nosso aluno em formação oportunidade de desenvolver um olhar investigativo sobre os processos escolares como forma de enriquecer a sua experiência de formação tanto no magistério como em pesquisa.

Maria Edelmice tem o interesse de investigar quais as contribuições do lúdico para crianças do primeiro ano das séries iniciais, dando destaque ao uso deste instrumento na rotina da sala de aula. Preocupa-nos tais práticas enquanto pedagogos (as) porque observamos no cotidiano da escola, é que a educação tem se dado de forma tradicionalista e conteudista, ou seja, foco na aprendizagem por memorização e cópias de conteúdos, sem nenhuma crítica ou reflexão sobre o assunto abordado, o que torna o ensino mecânico e desinteressante. Analisando este fato, esta pesquisa busca demonstrar que a partir da prática do lúdico que o professor pode ensinar de forma prazerosa, ensinando não só conteúdos de ensino, mais também comportamentos éticos e morais imprescindíveis para uma vida social para as crianças que se encontram numa fase primordial de formação.

Desde já esclarecemos que o trabalho tem cunho investigativo focado no desenvolvimento dos processos subjetivos de uma forma positiva e construtiva, e que os procedimentos de pesquisa não oferecem nenhum risco ou prejuízo nem para a instituição nem para os sujeitos observados.

Atenciosamente,

Sônia Marise Salles Carvalho


Luzimar de Jesus Costa
Diretor - Mat.: 210.665-X
Escola Classe Bela Vista
DODF nº 183 - pag. 30 de 10/09/2012

Assinatura do diretor (a)

ANEXOS

Anexo 1: Momentos de Aplicação das Oficinas na Escola





PARTE III

PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

Propostas para minha vida profissional

Ao fazer a minha escolha pelo curso de pedagogia eu o fiz porque era um sonho de infância e também por influência da minha prima e um vizinho, esta área sempre foi meu objetivo a ser alcançado.

Apesar de ter recebido alguns conselhos que iam contra a minha vontade, como por exemplo, se estivesse em algum ambiente e dissesse que era educadora infantil, todos eram unânimes em afirmar que, para ser professora eu teria que ter vocação e ser apaixonada por ela, por ser uma profissão pouco valorizada em nosso país.

Diante destes comentários, pensava dentro de mim, que vocação e paixão eu já tinha, e quanto a valorização sempre entendi que em todas as profissões existem excelentes profissionais e outros não tão bons assim. Como já tinha a formação no magistério, queria aprender mais, adquirir mais conhecimentos que pudessem me capacitar, para me tornar uma profissional excelente dentro desta área.

Eu determinei que eu fosse a melhor que pudesse ser, que o ensino ofertado na rede pública de ensino onde atuo, poderia ser melhor do que aquele da escola privada, onde o diferencial está no profissional que planeja, e oportuniza as crianças a terem as melhores experiências de ensino possível.

Ao entrar na universidade cursando pedagogia tive a certeza de que a docência fazia mesmo parte da minha vida. Pude vivenciar experiências, em outra faculdade de Secretariado executivo, e no dia a dia, me sentia verdadeiramente um peixe fora d'água.

Na pedagogia, tudo me conduzia à prática da sala de aula. Tanto que as minhas melhores notas na faculdade eram naquelas disciplinas que ensinavam sobre a prática da sala de aula, como didática, língua materna, ensino de ciências e geografia, dentre outras. Não que as outras disciplinas não fossem importantes, pois compreendo que é no conhecimento de todas as disciplinas do currículo do curso que é possível formar um profissional completo, dinâmico, crítico e consciente do seu papel na nossa sociedade.

No momento em que fui contratada pela secretaria de educação pela primeira vez no ano de 2004, que me deparei com a sala de aula do antigo pré-escolar, com as crianças, percebi o quão maravilhoso seria levar conhecimentos as crianças que, em sua maioria, estavam curiosas por aprender coisas novas.

A cada sequência didática planejada, eu buscava uma brincadeira, um jogo, um faz de conta para cativá-los e para que se interessassem pela escola e pelo conhecimento a ser apresentado. E lá se vão nove anos de experiências, umas marcantes e outras nem tanto.

Ao longo deste curso vivenciei experiências grandiosas, e na escola como professora, a cada dia é uma nova surpresa, pois não tem como o professor ensinar sem que exista uma troca de saberes entre ele e seus alunos, e tenho percebido que o que faz um profissional competente e capaz, não são somente os anos de cursos, estudos e faculdades somente, mais principalmente são as experiências praticas que ele adquiri ao longo de sua caminhada como docente.

Não é segredo, que minhas perspectivas para o futuro profissional é permanecer na educação, me especializar em um curso de pós-graduação, me tornar coordenadora pedagógica para contribuir com meus colegas de trabalho através das minhas experiências na alfabetização, o que vejo são colegas que demonstram pavor pela alfabetização, preferindo atuar em outros segmentos e do ensino, por entenderem que a alfabetização é um bicho de sete cabeças.

E após um período de descanso desta maratona que já dura seis anos, para concluir minha graduação, pretendo fazer um mestrado na área da educação.